

# Doentes desesperam por consultas quer no público quer no privado

As filas em frente às unidades de saúde têm vindo a ser recorrentes, há grávidas que não conseguem acompanhamento periódico da gravidez e os mais velhos queixam-se da falta de consultas presenciais. Nem no privado é fácil marcar consultas para certas especialidades.



Apesar dos serviços de saúde já estarem a começar a voltar à normalidade e de haver já uma maior preocupação no atendimento de doentes, o certo é que nem tudo vai já de vento em popa. Ao “Correio dos Açores” têm chegado relatos de consultas que teimam em não se conseguir fazer e grávidas que se queixam de consultas demasiado espaçadas, para a situação que vivem, principalmente quando há alguma apreensão em relação à situação de pandemia que se vive actualmente.

Há ainda quem estando internado nos hospitais da Região, e pelo facto de não poder receber as mesmas visitas que recebia antes, começa a desmotivar e a sentir o peso de ter uma doença “não Covid”. Famílias que apesar de reconhecerem o bem maior do controlo das visitas, salvaguardando a propagação do vírus, lembram que não conseguiram despedir-se dos seus entes queridos que tinham doenças não relacionadas com a Covid, quando partiram.

No hospital e centros de saúde as filas de espera são frequentes, quer para uma simples marcação de exames, quer mesmo para se conseguir entrar no edifício para fazer análises clínicas, demonstrando que os cuidados de saúde não Covid ainda estão a demorar a entrar nos eixos.

Os centros de saúde ainda continuam a meio gás, com a maior parte das consultas a realizar-se telefonicamente, e mesmo os consultórios privados estão a ter dificuldades em conseguir marcar consultas para breve. Há especialidades em que as dificuldades para consultas são maiores, até nos privados. As consultas estão a ser aos poucos repostas e há que acomodar todos os que não conseguiram ser vistos por um médico durante o confinamento, agora que as portas das unidades de saúde já se vão abrindo.

Mas até no privado continua a ser difícil marcar consultas, sejam ou não urgentes. E, voltando às grávidas, marcar uma primeira consulta de obstetria no privado tem-se revelado tarefa quase impossível. Numa altura em que há médicos que se preparam para ir de férias de Verão, no privado, há obstetras que só têm espaço livre na agenda em Outubro de

2021. Outros conseguem atender em finais de Agosto ou início de Setembro, mas há relatos, ouvidos pelo “Correio dos Açores” de quem só tem vagas para Outubro.

No caso das grávidas, e apesar da necessidade de serem acompanhadas pelo menos mensalmente, há centros de saúde que não estão a realizar ainda as consultas presencialmente. O mesmo acontece com os bebés e as crianças recém-nascidas que têm sido acompanhados por telefone pelos médicos das unidades e centros de saúde, garantindo-se apenas as consultas para vacinação infantil já nesta fase de desconfinamento.

Muitos médicos de família recebem pedidos para marcação de consultas, pedidos de medicação e respectivo envio, por via electrónica fazendo assim a triagem da urgência do pedido. Mas, principalmente as pessoas de mais idade, têm-se queixado que muitas vezes não conseguem acompanhar a comunicação digital.

Ao “Correio dos Açores” chegaram também alguns relatos de quem esteja à espera há mais de um ano para a convocação de uma junta médica para confirmação do grau de incapacidade. Dois casos que já se arrastavam há largos meses antes que a pandemia passasse a saúde nos Açores, e que com o confinamento ainda não tiveram desfecho.

Apesar das queixas que surgem diariamente no “Correio dos Açores” sobre os cuidados de saúde e da necessidade de se começar a dar uma resposta cabal às necessidades reais de quem precisa, os dados relativos a doentes e acompanhamento médico não-Covid foram conhecidos no início do mês de Julho, durante debate mensal na Assembleia Regional.

O deputado socialista, Domingos Cunha, dava conta que, entre Fevereiro e Abril, se realizaram na Região “118.723 consultas de saúde a adultos; 8.254 consultas de diabete; 31.567 consultas de saúde infanto-juvenil; 3.498 consultas de psicologia; 7.404 consultas de fisioterapia; 68.453 consultas externas; 12.881 sessões do hospital de dia; 900 cirurgias com internamento; 629 cirurgias urgentes; 169 mil 670 exames e 30.212 atendimentos urgentes”. **C.D.**



Por: João Bosco Mota Amaral

## O derradeiro “Eldorado”

Nestes dias todos os olhos se viram para Bruxelas, esperando ver surgir finalmente, no meio do habitual cenário das bandeiras dos estados membros, quem apresente conclusões do Conselho Europeu, que, na altura em que escrevo, há três dias se prolonga, no meio de intensas negociações, mas sem conseguir obter um acordo satisfatório para todos os participantes. A própria Chanceler Merkel, às quais algumas boas almas europeístas parece atribuírem poderes milagrosos neste seu último mandato, já veio admitir que talvez não se consiga ainda o tão desejado compromisso sobre os recursos financeiros disponíveis para os próximos anos. E o Primeiro Ministro António Costa dramatizou, declarando que “estamos numa situação aflitiva”, sem esclarecer se a referência tem conteúdo meramente nacional ou se porventura abrange a totalidade da União Europeia.

Que Portugal está em sérias dificuldades já todos nos apercebemos. A economia não recuperou da paragem imposta pelo confinamento, as empresas estão em generalizado estado de sufoco, sobretudo as ligadas ao Turismo, o Governo vê as receitas fiscais em quebra e sente-se obrigado a alargar os benefícios atribuídos para assegurar a manutenção dos postos de trabalho, sob pena de o desemprego subir em flecha. Já se fala de um segundo Orçamento Suplementar, para acomodar nova subida da dívida pública. E assim se percebe a pressão do nosso mago das Finanças em mudar-se rapidamente do Ministério das mesmas para o cargo de Governador do Banco de Portugal, em tempos de Victor Constâncio denunciado como rendendo vencimento superior ao do Presidente da Reserva Federal dos Estados Unidos da América. Afinal, a correcção dos défices orçamentais foi obtida pelo processo clássico de aumentar os impostos indirectos e travar as despesas, guião seguido com sucesso por um antigo antecessor no cargo, cujo nome não pode ser mencionado... Mas pelos vistos não é já possível continuar por tal via!

É meritório o esforço de António Costa, ao correr as capitais europeias, a dar cotoveladas nos respectivos líderes governamentais, tentando sensibilizá-los com vistas à definição de um generoso quadro de apoio aos países membros em piores circunstâncias. Um seu antecessor, também socialista, surpreendeu-nos a todos ao correr por Seca e Meca vendendo dívida, como estão se dizia, talvez para mascarar a sordidez de andar de chapéu na mão a pedir dinheiro emprestado, por sinal prometendo pagar juros altíssimos... Agora reclamam-se subsídios a fundo perdido, quantos mais melhor e rejeitando condicionalidades, não vá por aí haver quem nos queira impor novamente formas subtis de “austeridade”, palavra banida do léxico político português

actual.

A conclusão talvez seja que a diplomacia pessoal do Primeiro Ministro tem de prosseguir. Toca a organizar almoços e jantares, em Lisboa e por essa Europa fora! António Costa já deu a entender que o fato lhe está ficando apertado, o que é natural e até começa a ser facilmente observável... E se entretanto algum ministro fizer declarações que possam enervar algum líder europeu, mesmo que haja quem as esteja pedindo, será preciso desautorizá-lo, porque também a Hungria vota e os ditos “frugais” estão teimosos, exigindo mais e mais concessões, sem mostrarem compreensão nem solidariedade.

Nas presentes condições de crise grave, a Europa concentra boa parte das nossas esperanças de as ultrapassar com um mínimo de sacrifícios. Sem dinheiro a jorrar para a economia portuguesa, o mirífico Programa de Recuperação, desenhado por um consultor especial do Governo da República, ficará a aguardar melhores dias. Certo é que nele se insiste outra vez nos comboios de alta velocidade, dos tempos socratianos, e no novo aeroporto de Lisboa, projecto anterior à Revolução do 25 de Abril... Mas sempre aparece como novidade o Arquipélago dos Açores, identificado como o “Eldorado”, cujas riquezas naturais a explorar vão afinal resgatar o País do seu atraso ancestral.

Ora, as nossas eventuais jazidas mineiras são submarinas, portanto de difícil acesso, levantando complexos problemas ambientais a respectiva exploração. Como se isso não bastasse, decorre há anos um delicado conflito de competências entre a Região Autónoma dos Açores e os órgãos de soberania da República relativamente ao poder de decisão sobre tais recursos, cuja existência é conhecida mas não a sua correcta dimensão.

Numa altura em que há sinais de desespero da parte de alguns responsáveis nacionais, agitar os Açores como salvatório para os problemas que o País enfrenta, pode ser perigosíssimo para a nossa Autonomia Constitucional, contra a qual várias ameaças têm sido desencadeadas nos últimos tempos, sob a capa da continuidade territorial e congêneres.

Oxalá o Povo Açoriano se aperceba da importância decisiva das eleições regionais do próximo Outono. Se a abstenção for outra vez superior a 50%, a legitimidade democrática das nossas Instituições de Governo Próprio ficará fragilizada. E isso deixará o caminho aberto aos inimigos da Autonomia Açoriana, que infelizmente existem e já andam por aí afiando as garras.

(Por convicção pessoal, o Autor não respeita o assim chamado Acordo Ortográfico.)